

## entrevista

### **ESTÉTICA, ARTE E POLÍTICA NO BRASIL: ENTREVISTA COM O PROFESSOR RODRIGO DUARTE \***

Leandro Lelis

Thiago Borges

#### **1º Bloco - Trajetória, carreira e pesquisas.**

#### **1. O senhor poderia falar um pouco sobre as razões que o levaram a escolher o curso de Filosofia, o ambiente filosófico na UFMG e a importância dos professores na sua formação e a sua atuação enquanto professor/pesquisador?**

Posso dizer que sempre tive uma grande atração por tudo que dizia respeito ao pensamento e é possível que, desde criança, eu já tenha tido certa tendência à introspecção e à reflexão. Mas na adolescência, ao lado dessa tendência, surgiu em mim um interesse forte pela música e eu, que já tocava violão popular, aprendido em casa, comecei a aprender violão clássico. Nesse meio tempo, o meu interesse por música contemporânea me levou à decisão de estudar engenharia eletrônica, uma vez que eu pretendia me tornar um compositor de música eletroacústica. Numa situação de muito esforço pessoal - desgaste mesmo -, eu estudava engenharia à noite na PUC (único curso superior de eletrônica em BH, à época), tendo o período diurno dividido entre as aulas de música (percepção musical, harmonia e composição) que eu recebia e as que eu dava, como ganha-pão, numa escola técnica particular. Acho que as frustrações associadas ao enorme tecnicismo e à aridez do curso de engenharia e às grandes exigências do estudo de música me levaram a, nas poucas horas vagas, começar a ler livros de história da filosofia e fui me interessando tanto por esse assunto a ponto de, num certo momento, eu chegar à conclusão de que, se eu não fosse fazer mesmo a graduação em filosofia, eu nunca seria feliz - jamais me realizaria em termos pessoais. Foi então que começou a minha história com a UFMG: o curso de filosofia da PUC era muito voltado à preparação de seminaristas para o sacerdócio e a minha demanda era de

---

\* Link da entrevista em vídeo em nosso Canal no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=LSYwnj98cXc>.

um aprendizado de filosofia tão leigo quanto possível. Foi muito doloroso, à época, depois de ter cursado seis semestres de engenharia eletrônica, fazer novamente vestibular e retornar à condição de calouro no curso de filosofia da UFMG. Mas eu estava tão focado em abraçar a carreira acadêmica que, sacrificando o aprendizado de música, terminei a graduação em três anos e fui logo admitido no mestrado em filosofia da própria FAFICH, onde tive professores como a Sônia Viegas, o Moacyr Laterza (que eu já conhecia do curso de graduação), o Padre Vaz e o Luís Bicalho, sendo que, desses dois últimos fui aluno apenas nessa etapa de minha formação. Em pouco mais de dois anos (um recorde para a época) defendi, sob a orientação de Ivan Domingues, a minha dissertação sobre a natureza em *O capital* e no ano seguinte iniciei o doutoramento na universidade de Kassel (Alemanha) sob a orientação de Hans Georg Flickinger e Wolfdietrich Schmied-Kowarzik. Em 1990, terminado o doutorado, começou a minha história profissional na UFMG, pois tive a sorte de passar em concurso no Departamento de Filosofia, logo depois do meu retorno ao Brasil.

**2. O senhor é notadamente um dos autores brasileiros e, com reconhecimento internacional, mais importantes nos estudos sobre Teoria Crítica e a chamada Escola de Frankfurt, especialmente no pensamento estético de Theodor W. Adorno. Nos últimos anos, contudo, tem sido reconhecido pelo estudo e produção sobre outros nomes da Estética contemporânea, por exemplo, Arthur Danto e Vilém Flusser. Qual a importância desses autores para as suas pesquisas atuais e na Estética contemporânea ?**

Essa pergunta é boa, pois me ajuda a esclarecer algo importante: há autores que estudamos, que têm a função de nos ensinar a pensar (normalmente, esses são tema de nossos trabalhos na etapa de formação intelectual); outros despertam o nosso interesse, mas os abordamos a partir daqueles que, por assim dizer, “formataram” o nosso pensamento. No meu caso, esses foram Marx (tema do meu mestrado) e Adorno (tema do meu doutorado) e o interesse por Flusser (mais antigo) e por Danto (mais recente) e ainda outros - de abordagem ainda mais recente - como Jacques Rancière e Richard Shusterman. O meu critério, nesse sentido, é não me limitar a ser apenas um especialista num certo autor (Adorno) ou numa escola (Teoria Crítica da Sociedade), mas me valer de contribuições de filósofos que dizem coisas importantes sobre temas candentes da atualidade, a fim de desenvolver as minhas próprias investigações. Nesse sentido, vejo em Flusser um possível continuador (e atualizador) das proposições

críticas de Adorno sobre a cultura de massas, em Danto um potencial interlocutor sobre temas da estética contemporânea, em Shusterman (a quem dirijo também algumas críticas contundentes) um pensador importante sobre o tema da corporeidade e em Rancière um incontornável formulador contemporâneo sobre as relações entre a arte e a política - tema que sempre me interessou muito e terá sido responsável por outras escolhas que fiz ao longo de minha carreira acadêmica. Mas, em todo caso, me sinto, antes de tudo, um discípulo de Adorno, a partir de cujo pensamento realizo diálogos com esses (e outros) autores mais recentes.

## **2º Bloco - Filosofia, Estética, Brasil e exterior.**

### **1. Quais são as suas considerações acerca do debate sobre uma Filosofia do/no Brasil?**

Sobre esse tema cabe uma consideração preliminar: principalmente a partir do século XVII - mas com raízes ainda na Idade Média - começou a haver na Europa certa diferenciação de estilo de se fazer filosofia. Em primeiro lugar, tendo em vista o continente europeu propriamente dito, por um lado, e a Grã-Bretanha por outro, sendo - grosso modo - aquele mais metafísico e racionalista e essa mais cientificista e empirista. Essa foi uma primeira grande diferenciação no modo de filosofar, sendo que, a partir do século XVIII, internamente ao continente europeu, surgiu ainda uma nova diferenciação: até então, a filosofia feita nos países vizinhos da França, de algum modo sofriam forte influência da filosofia desse país; mas, desde meados do *settecento* surgiu no cenário continental um estilo muito característico de se filosofar - talvez mais introspectivo ainda -, que é o alemão. A partir de então, o fulcro do pensamento europeu não-britânico tendeu a se deslocar da França para a Alemanha, estabelecendo-se praticamente três modos de filosofar que refletiam muito claramente a cultura de seus países de origem, a saber: o britânico, o francês e o alemão. Desse modo, no século XIX, com o estabelecimento de uma filosofia mais acadêmica e profissional, inclusive na Europa, países que não tinham tido a oportunidade de desenvolver estilos de filosofar tão peculiares quanto o dos três países mencionados, puderam produzir ótimas filosofias a partir de condições materiais favoráveis que eram oferecidas - quando e onde era esse o caso.

A minha opinião é que o tempo da criação de filosofias que possam refletir profundamente a cultura de seus países de origem, como foi o caso dos três países mencionados, talvez já tenha passado irreversivelmente, restando às demais nações a tarefa de desenvolver tanto quanto possível as filosofias nelas elaboradas, tendo em vista suas demandas específicas e peculiaridades culturais, sem a preocupação de produzir filosofias com “características nacionais”. Desse modo, é descabido, para mim, falar numa “filosofia brasileira”, mas totalmente acertado afirmar que, onde, no Brasil, se propiciam condições favoráveis, faz-se filosofia de muita boa qualidade, semelhante à melhor filosofia feita nos principais centros de produção intelectual do mundo, a qual pode apresentar algumas peculiaridades - alguma “cor local” - sem, no entanto, configurar tendência a gerar uma tradição própria, como as supracitadas britânica, francesa ou alemã.

## **2. Como o senhor percebe atualmente o trabalho acadêmico em Filosofia no Brasil e, especificamente no campo da Estética?**

Como já ficou prefigurado na resposta anterior, vejo com bons olhos todo o desenvolvimento que a filosofia no Brasil teve nos últimos quarenta anos, tendo se profissionalizado muito e conquistado reconhecimento internacional para aquilo que ela tem de melhor e de mais compatível com discussões realizadas numa esfera global. Não creio que com a estética, de um modo geral, isso seja diferente, ainda que haja algumas peculiaridades. Em primeiro lugar: apesar de muitos grandes filósofos, desde a Antiguidade até nossos dias, terem dedicado pelo menos alguma inserção de sua obra a temas hoje afeitos à estética (levando em conta que ela recebeu esse nome apenas em 1750, com a obra homônima de Alexander Baumgarten), ela ainda não é universalmente aceita como disciplina filosófica. Isso ocorre no mundo inteiro, segundo o depoimento de vários estetas europeus e norte-americanos de peso. No Brasil, é sintomático o fato de apenas em 2015 ela ter sido instituída como subárea da filosofia no sistema do CNPq, o que, aliás, até hoje não aconteceu no sistema da CAPES. Em segundo lugar, a estética no Brasil, a exemplo do que ocorre em outros países com mais tradição intelectual, parece ter uma vocação marcadamente interdisciplinar, na medida em que, sem perder sua especificidade filosófica, dialoga não apenas com os âmbitos específicos das artes (música, artes plásticas, literatura, artes cênicas, cinema etc.), mas também com suas abordagens históricas, sociológicas e críticas.

**3. O fato de a Estética ser um campo caracterizado por abordar em suas pesquisas, não somente conceitos e temas universais como o *belo* e a *sensação*, mas também problemas específicos da produção artística local, pode ter ressonâncias no debate sobre a Filosofia do/no Brasil ?**

A resposta a essa pergunta também é conexa à da anterior, pois a estética no Brasil foi um dos primeiros âmbitos da filosofia a se enquadrarem dentro de padrões acadêmicos rigorosos, constituindo-se em grupos de pesquisa, realizando convênios bilaterais com instituições estrangeiras, estabelecendo um dos primeiros GTs junto à ANPOF (existente até hoje), e organizando uma das séries de eventos internacionais mais antigas e consolidadas do país (bianuais, desde 1993, com treze congressos já realizados) e uma sociedade científica com mais de vinte anos de existência (a ABRE - Associação Brasileira de Estética). Em que pese esse alto nível de formalização acadêmica, a área de estética no Brasil está majoritariamente de acordo sobre a necessidade de, num processo de “descolonização” crescente em relação às modas filosóficas europeias e norte-americanas, voltar-se cada vez mais para os temas da riquíssima cultura brasileira, seja nas suas feições mais populares ou nas mais eruditas, nas mais tradicionais ou mais vanguardistas. Nesse sentido, mesmo que, como eu disse antes, seja descabido falar numa “filosofia brasileira”, a estética parece ser um dos âmbitos em que o que chamei de “cor local” pode se realizar de um modo mais evidente, por um lado, e natural, por outro. Quanto a isso, acrescento ao que eu tinha dito sobre o Flusser, o fato de que ele, por ter residido no Brasil por mais de trinta anos, valorizou como ninguém as raízes afro-brasileiras na cultura do país, chegando ao ponto de dizer que essas constituíam nossa verdadeira “alta cultura”. Isso o torna, para além de suas contribuições no campo da filosofia dos *media*, um interlocutor muito importante para a estética filosófica feita no Brasil.

**4. Frequentemente o senhor participa de congressos internacionais e cursos de pós-graduação, contribuindo para o intercâmbio de conhecimentos com outros países. Quais os avanços em nossa formação e pesquisas com a crescente internacionalização? O que se pode esperar e o que se deveria tentar promover com relação aos intercâmbios futuros e, especialmente para a área da Estética?**

A impressão que tenho é que a área da filosofia, em geral, e o âmbito da estética, em particular, realizaram uma das mais incríveis absorções de conhecimento já ocorridas, pois, em algumas décadas foi adquirida uma competência que, em outros

contextos, requereu séculos para se consolidar. Hoje em dia, é comum a interlocução de igual para igual com acadêmicos daqueles países com mais tradição filosófica, o que sustenta e realimenta um respeito que já existe em relação à filosofia (e à estética) feita no Brasil. Um aspecto interessante desse processo é que, no seu bojo, há implicitamente uma demanda do(a)s colegas estrangeiros de que apresentemos reflexões enraizadas na cultura de nosso país, o que, por sua vez, reforça a supramencionada intenção de muito(a)s colegas brasileiro(a)s de voltar o olhar para fenômenos tão singulares quanto ricos, os quais compõem nosso universo cultural.

### **3º Bloco Estética, Arte e Política**

**1. Num vídeo, recentemente gravado para o site da ANPOF, o senhor comentou que a arte é atacada por movimentos conservadores porque ela é uma área tradicionalmente crítica e foi a primeira que agiu contundentemente contra o golpe de 2016. Assim como a arte, uma parte da filosofia e das ciências humanas de orientação mais crítica, tende a ser atacada mais sistematicamente, o que pode ocorrer de várias formas e em vários níveis, desde a retirada de verbas para a pesquisa até o questionamento da liberdade de debate de temas importantes como política, o que projetos como o “Escola sem partido” não deixam enganar. Na opinião do senhor, quais são os limites e as possibilidades da Estética no enfrentamento de uma possível onda neoconservadora nos próximos anos?**

Um forte prenúncio do momento obscurantista que vivemos foi o fato de que exposições de arte começaram a ser atacadas por uma estranha aliança entre neopentecostais e grupelhos supostamente neo-liberais (na verdade, neofascistas), em ações totalmente inéditas na história do país. Por outro lado, essas pessoas - muito ignorantes e historicamente indiferentes a eventos acadêmicos - começaram a interromper e inviabilizar palestras e seminários, como ocorreu no Rio e em São Paulo, sob a alegação de que neles ocorria a difusão de ideologias marxistas, de gênero etc. Por outro lado, foi marcante para mim o fato de que uma das primeiras derrotas do governo golpista de Michel Temer foi o malogro de sua tentativa de acabar com o Ministério da Cultura, tendo em vista a forte reação dos artistas e criadores culturais em geral. A isso eu acrescento que, no movimento de resistência ao golpe, por parte dos professores da UFMG, um dos setores mais combativos era composto pelos colegas e alunos da Escola

de Belas Artes, o que, inclusive conferia um incrível elemento estético às manifestações políticas muito raramente visto, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Mas, naturalmente, o limite de movimentos como esse se encontra no fato de que os seus integrantes provém de uma minoria esclarecida e privilegiada da população, sendo que a maioria dessa infelizmente se encontra com a reificação da consciência tão consolidada que é capaz de acreditar em mentiras como “kit gay” ou que o candidato das forças verdadeiramente democráticas era um defensor do incesto, etc. Foi esse grau de ignorância e de desinformação que possibilitou o desastre político que agora assistimos.

## **2. Quais suas considerações acerca da relação entre estética e política na produção filosófica brasileira?**

Como eu já havia observado, a estética filosófica no Brasil, em que pese a sua qualidade e o seu reconhecimento internacional, não é irrestritamente respeitada por toda a comunidade filosófica e isso ocorre devido a certa divisão interna da filosofia no país, a qual, por sua vez, reflete posicionamentos ideológicos mais ou menos conservadores. No âmbito da estética, acho que se pode observar uma tendência majoritariamente crítica ao *status quo*, o que lhe confere uma grande vitalidade e capacidade de interlocução, tanto com aquelas subáreas igualmente críticas da filosofia brasileira quanto com a estética - equivalentemente crítica - feita no exterior.

## **3. Para finalizar, nas primeiras linhas da Introdução da Dialética Negativa, Adorno diz que, “A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realização”. O que é “realizar” filosofia hoje e Por que filosofia?**

Esse famoso início da *Dialética negativa* dialoga claramente com a tese nº 11 sobre Feuerbach, de Karl Marx, segundo a qual, “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo diversamente; trata-se de *transforma-lo*” (tradução minha a partir do original alemão). Essa frase passou para a história da filosofia como uma referência à *realização* da filosofia, i.e., essa, de alguma forma, *tornar-se mundo*. Para Adorno, essa realização foi perdida em virtude do fato de que as primeiras experiências da mundaneização da filosofia - o chamado “socialismo real” - ficaram muito aquém da expectativa, degenerando-se, como no caso da União Soviética e seus satélites, em regimes autoritários ou mesmo totalitários. Para Adorno, essa é a senha para que os filósofos voltem a interpretar o mundo, sempre no sentido de uma crítica contundente ao

capitalismo tardio, aos autoritarismos dos mais diversos matizes, o que coincide com um posicionamento político a favor de um conceito radical de democracia. Esse, aliás, é o núcleo do projeto de uma Teoria Crítica da Sociedade, esboçado por Max Horkheimer na segunda metade da década de 1930, continuado e aprofundado por Adorno e por todos que se colocaram sob a sua orientação teórico-crítica. Isso é o que, para mim, significa realizar a filosofia hoje. Quanto à questão “por que filosofia”, acho que não há uma resposta cabal para ela, pois a filosofia surge de um impulso de compreensão, por parte do ser humano, da realidade que o cerca, mas ela também está sujeita ao que Adorno e Horkheimer conceberam como “dialética do esclarecimento”, podendo se degenerar num tecnicismo vazio, que nada acrescenta à busca humana para um possível sentido da vida e pode até mesmo ajudar a legitimar a exploração do ser humano pelos seus semelhantes. A esse tipo de filosofia, dever-se-ia contrapor o vislumbre de Adorno no último aforismo de *Minima Moralia*: “A filosofia, tal como apenas diante do desespero deve se responsabilizar, seria a tentativa de considerar todas as coisas como se apresentam do ponto de vista da redenção. O conhecimento não tem qualquer outra luz que não seja a que brilha sobre o mundo a partir da redenção: tudo mais se esgota na reconstrução e permanece um pedaço de técnica” (tradução minha a partir do original alemão).